

■ continuação da capa

Um rico acervo que só agora é revelado

Coleções de insetos e microorganismos, todo mundo sabe que a Fundação Oswaldo Cruz tem. Mas mesmo os funcionários se surpreenderam quando, após a inauguração da pós-moderna Biblioteca de Manguinhos, em dezembro de 1994, pinturas e desenhos de Portinari, Di Cavalcanti e Visconti, antes guardados em caixotes, ganharam lugar entre vidros, livros e computadores. "Oswaldo Cruz era muito ligado às artes. Tanto que para fazer o prédio da Fundação chamou o melhor arquiteto da época e lhe apresentou um desenho que havia feito quando visitara o palácio mouro de Alhambra, na Espanha", conta o bibliotecário João Atanásio.

Quase cem anos depois, a fundação retomou a idéia de criar um diálogo entre arte e história, criando um concurso para um painel na Biblioteca, com o tema *Ciência e Arte* e um prêmio de R\$ 30 mil. "No mundo inteiro, as instituições estimulam as artes. Ciência e cultura devem andar em paralelo", acredita o presidente da Fundação, Carlos Morel. Atanásio e Maria Élide Bertolletto obtiveram patrocínios para bancar o prêmio, um dos mais substanciais do Brasil. Depois de inagurar hoje o projeto vencedor de Marta Niklaus, os dois querem realizar a elogiada idéia do artista Marcos André, segundo na preferência do júri. "Vários núcleos da Fundação querem ter este painel", diz João.

Tomara que ele tenha melhor sorte que o painel de Vergara, desmontado por operários que faziam

uma obra. "Era feito de tubos de PVC e eles não perceberam que era um trabalho de arte", conta Atanásio. Nada irreparável: a Fiocruz vai contratar o próprio Vergara para restaurar a obra. Um outro painel de azulejos, no restaurante, sofre com outro tipo de ataque: o anonimato. Os azulejos do canto inferior, onde estava a assinatura do artista, caíram. "Mas tenho quase certeza de que é de Djanira", diz Atanásio, que também suspeita que uma certa gravura na presidência seja um centenário original do francês Daumier.

Quebrar a indiferença à arte é um dos propósitos da diretora do Centro de Informação Científica e Tecnológica, Maria Élide Bertolletto. "Simplesmente, ninguém pensava em exibir os quadros", explica ela, planejando fazer um rodízio das dezenas de obras - ainda não sabe ao certo quantas são - nas paredes da biblioteca. Os livros, pelo menos, têm sido mais valorizados. Da biblioteca de 500 mil obras, 8000 obras são raras. A Fiocruz tem assinaturas de 1200 periódicos, e coleções completas de revistas publicadas desde 1824 e edições do século 17 e 18, impressas em litografias. Um dos mais curiosos é o *Formulario*, um manuscrito atribuído aos jesuítas que ensina a cura para diversas moléstias. Para impotência, por exemplo, ele prescreve: "Tomar raiz de limoeiro, limpar da casca preta de fora e raspar a casca de dentro e se dê a beber em jejum com água todos os dias que forem necessários até obedecer o mal."